

LENO PATARO



■ **PATAXÓS: índios de Carmésia, Vale do Aço, protestam na Câmara de BH contra a morte de Galdino dos Santos, queimado em Brasília. Um frentista confirmou que os cinco assassinos compraram dois litros de álcool, premeditando o crime. (Páginas 6, e 12 do Minas)**

# Pataxós dão grito de guerra na Câmara

Maria Célia  
REPÓRTER

Índios pataxós da tribo Porto Indígena Guarani, em Carmésia, Vale do Aço, manifestaram ontem a revolta pela morte do "parente" Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo em Brasília, na madrugada do último domingo. Pintados para a guerra, eles dançaram em protesto na Câmara Municipal e exigiram a punição dos cinco jovens responsáveis pelo crime.

"Ficamos emocionados e bravos diante desta grande covardia. Nem um rato que invade nossa casa merece isto. Fizemos a dança da briga na aldeia porque o índio era nosso irmão", afirmou o cacique Mongangá, que também é do Sul da Bahia, como Galdino, mas vive em Minas há 22 anos. Mongangá enfatizou que os jovens deveriam ficar presos para sempre e culpou também a Funai, que, segundo ele, não abriu as portas do abrigo para o pataxó, obrigando-o a dormir na rua. A Funai, entretanto, apenas mantém convênio com a pensão onde Galdino estava hospedado.

Apesar de ter o nome com significado de besouro manso, Mongangá não escondeu a vontade de punir, à maneira da aldeia, os assassinos de Galdino. "Eu ia fazer eles de árvores e jogar flechas bem devagar para ver se sentiam o que é a dor", afirmou. Segundo o cacique, quando um índio mata outro, é imedia-

tamente expulso da aldeia, o que corresponderia à expulsão dos jovens da sociedade. "Se eles não forem punidos, vamos reunir todos os índios do Brasil para um encontro com o presidente da Funai. Vamos dar um jeito", disse sem entrar em detalhes.

De acordo com Mongangá, Galdino passou por Belo Horizonte antes de viajar a Brasília e combinou de comer um frango na aldeia em Minas, logo que voltasse da capital federal. O cacique não descarta a hipótese de o crime ter sido encomendado por fazendeiros, já que Galdino estava em Brasília para resolver questões ligadas à demarcação de terras de seu povo.

Na Porto Indígena Guarani, em Minas, vivem hoje 286 Pataxós em terra demarcada com 3,3 mil hectares. "Temos o apoio da prefeitura, que está construindo casas para nós", disse o cacique.

Os pataxós permanecem em Belo Horizonte até sábado, fazendo palestras em escolas municipais. Na quinta-feira à noite, eles fazem apresentação de danças e artesanato na Feira da Praça Duque de Caxias, no bairro Santa Teresa. A vereadora Maria Lúcia Scarpelli (PPS) falou em nome da Comissão de Direitos Humanos, afirmando que a Câmara enviou na última terça-feira, uma moção ao Ministério da Justiça, exigindo solução para o caso.

BETO MAGALHÃES



JACK ZALCMAN



## Índio culpa Funai por morte

Ana Lúcia Gonçalves  
REPÓRTER

GOVERNADOR VALADARES - O índio Jovanildo pataxó, 27 anos, primo de Galdino Jesus dos Santos, que foi queimado vivo enquanto dormia na madrugada do último domingo em Brasília, culpa a Fundação Nacional do Índio (Funai), pela tragédia. "Se a Funai resolvesse nossos problemas, encaminhando os processos e não demorasse 15 anos para resolver apenas um deles, os índios não precisariam ir até Brasília pedir providências", denuncia. Segundo ele, esta foi a segunda vez que Galdino se perdeu do grupo em Brasília e desmente que ele estivesse embriagado.

"Galdino era um guerreiro, defensor de nossas causas. Não sabia ler nem escrever, o que dificultava suas viagens", disse. Ele lembra que a comunidade indígena da tribo Pataxó hã-hã-hãe vai se reunir depois que as lideranças voltarem de Brasília, para decidir o que será feito.

Na aldeia, segundo Jovanildo, índio que mata índio é morto pela comunidade com "bordunadas". Segundo ele, há 15 anos as terras indígenas dos Pataxós, aldeia Caramuru, foram invadidas por fazendeiros, que ocuparam 34,8 mil dos 36 mil pertencentes aos índios. Várias tentativas de reocupação teriam sido feitas pelos pataxós, mas segundo Jovanildo, sempre foram retirados com crueldade pela polícia.

Revoltados com o assassinato do "parente" Galdino, índios ensaiam protesto pintados para a guerra e exigem punição dos culpados; Jovanildo pataxó, primo do morto, culpa a Funai pela ida de Galdino à Brasília, onde foi queimado